

**GORDON NEUFELD, Ph.D.**

**E GABOR MATÉ, M.D.**

autor de *O mito do normal*



# **Aproxime-se dos seus filhos**

**Por que os pais precisam  
ser mais importantes  
que os amigos**



SEXTANTE

*Dedicamos este livro a nossos filhos e seus descendentes.*

*Foram eles que inspiraram nossas ideias e  
nos motivaram a compartilhá-las.*

*Tamara, Natasha, Bria, Shay e Braden  
Daniel, Aaron e Hannah  
Kiara, Julian e Sinead*

*A ação só tem significado à luz dos relacionamentos. Se não compreendermos os relacionamentos, a ação só produzirá conflitos. Compreender os relacionamentos é infinitamente mais importante que buscar qualquer plano de ação.*

**J. KRISHNAMURTI**

## NOTA DO AUTOR

Conheci Gordon Neufeld muitos anos atrás, quando eu e Rae, minha esposa, o procuramos em busca de conselhos sobre nosso primogênito, na época com 8 anos. Achávamos que tínhamos uma criança problemática em casa. Gordon nos mostrou, bem rápido, que não havia nada de errado com nosso filho nem com a gente, apenas com a nossa maneira de nos relacionar com ele. Alguns anos depois, voltamos a nos preocupar quando nosso segundo filho, no começo da adolescência, passou a desafiar nossa autoridade e recusar nossa companhia. Mais uma vez, consultamos Gordon, que nos disse que bastava mantermos nosso filho mais perto de nós do que dos amigos. Foi então que o Dr. Neufeld me apresentou ao seu conceito de “orientação por pares”, que explica como amigos – e não os pais – se tornam a principal influência sobre os jovens, fenômeno prejudicial e intrínseco à sociedade moderna. Desde então, eu e Rae só temos a agradecer por tudo o que aprendemos com ele.

Eu e Gordon escrevemos *Aproxime-se dos seus filhos* para redespertar nas pessoas o instinto parental. Nosso objetivo é subverter muitas das crenças atuais sobre como as crianças devem ser educadas. Nosso foco não é o que os pais devem fazer, mas quem precisam *ser* para seus filhos. Vamos compartilhar nosso conhecimento sobre a infância, sobre o desenvolvimento infantil e sobre as barreiras que hoje impedem o desenvolvimento saudável de nossas crianças. Munidos de boas informações e comprometimento

sincero, veremos surgir uma sabedoria espontânea e solidária, que é essencial para criarmos nossos filhos da melhor maneira possível.

Se hoje vemos a parentalidade como um conjunto de habilidades que devem ser ensinadas por especialistas, é porque perdemos a capacidade de nos relacionar com crianças e adolescentes de um jeito intuitivo. A parentalidade, no fim das contas, é um relacionamento – que tem início num parto ou numa adoção, mas só pode ser mantido pela conexão mútua com a criança ou o adolescente. Quando isso acontece, instintos naturais são ativados e cuidamos dos nossos filhos como nenhum especialista seria capaz de cuidar. É preciso honrar esse relacionamento a cada minuto.

No mundo de hoje, a parentalidade está sendo sabotada, e mais adiante explicaremos por quê. Estamos tão imersos em competitividade que acabamos afugentando nossos filhos e nos afastando deles. Nossa cultura não tem mais uma base socioeconômica que apoie a criação de filhos e a considere sagrada. Sociedades do passado podem não ter pensado muito sobre esse assunto, mas agora é diferente. Como pais e mães modernos, devemos reconhecer o que falta e entender por que as coisas não estão dando certo na educação de crianças e adolescentes. É essa conscientização que vai nos colocar de volta no comando, sem necessidade de coação ou castigos. É na relação familiar que nossos filhos se tornam seres independentes e maduros, valorizando a si mesmos e respeitando os sentimentos, os direitos e a dignidade dos outros.

Este livro é dividido em seis partes. A primeira explica o que é a orientação por pares e como ela se tornou tão onipresente em nossa cultura. A segunda e a terceira investigam os muitos impactos negativos da orientação por pares na criação e no desenvolvimento de nossos filhos. Nessas três primeiras partes, explicamos como deve se dar o desenvolvimento infantil saudável, bem diferente daquele que é incentivado pela cultura de pares. A quarta parte ensina a estabelecer um laço duradouro com nossos filhos, um relacionamento que servirá de porto seguro para que eles amadureçam. As duas últimas explicam como prevenir que nossos filhos sejam seduzidos pelo mundo dos colegas, especialmente na era da internet, dos videogames e dos celulares.

A experiência do Dr. Neufeld como psicólogo e seu brilhante trabalho original são a fonte das ideias e dos conselhos que apresentamos aqui. Nesse sentido, ele é o único autor. Ao longo das décadas, muitos dos milhares

de pais e educadores que frequentaram seus seminários perguntaram a ele, com certa impaciência: “Quando o senhor vai escrever um livro?” Foi aí que eu entrei. Juntos, planejamos, escrevemos e lapidamos esta obra.

Estou muito orgulhoso de ajudar a propagar as ideias transformadoras de Gordon Neufeld. Já estava na hora de isso ser feito, e nós dois somos gratos pela amizade e pela parceria que resultaram daí. Acreditamos que o leitor fará bom proveito dessa colaboração.

Também queremos agradecer a nossas duas editoras: Diane Martin, em Toronto, e Susanna Porter, em Nova York. Diane enxergou o potencial deste projeto desde a concepção e nos incentivou ao longo de todo o processo. Susanna teve a paciência e a habilidade de editar um manuscrito um tanto prolixo, nos ajudando, com suas excelentes sugestões, a transmitir nossa mensagem com mais clareza e leveza. O resultado é um livro agradável para os leitores e que nos enche de orgulho.

DR. GABOR MATÉ

PARTE UM

O FENÔMENO  
DA ORIENTAÇÃO  
POR PARES

# 1

## Por que pais e mães hoje são mais importantes do que nunca

Jeremy, 12 anos, está curvado sobre o teclado, os olhos grudados na tela do computador. São oito da noite e ele ainda não terminou o dever de casa, mas as broncas do pai entram por um ouvido e saem pelo outro. Jeremy está batendo papo com os amigos, fofocando sobre quem está a fim de quem, quem é legal ou chato, quem é bonito ou feio.

– Me deixa! – reclama ele com o pai, que, mais uma vez, veio lembrá-lo do dever de casa.

– Se você fosse responsável – rebate o pai, frustrado –, eu não precisaria pegar no seu pé.

A batalha verbal se agrava, vozes se alteram e em pouco tempo Jeremy está gritando:

– Você não me entende! – E bate a porta.

O pai está nervoso, irritado com Jeremy e, acima de tudo, consigo mesmo. “Estraguei tudo de novo”, pensa ele. “Não sei me comunicar com meu filho.” Ele e a esposa estão preocupados com Jeremy, antes um menino obediente, agora um pré-adolescente rebelde com quem não conseguem conversar. O filho parece totalmente focado nos amigos. O mesmo conflito se repete várias vezes por semana, sem que ninguém consiga pensar ou agir de um jeito mais produtivo. Os pais se sentem impotentes e desmoralizados. Nunca foram de colocar o filho de castigo, mas agora acham que é

o momento de impor autoridade. Quando fazem isso, porém, o filho fica ainda mais esquivo e revoltado.

Criar filhos deveria ser tão difícil assim? É sempre desse jeito? Gerações anteriores já reclamavam da falta de respeito e disciplina dos mais jovens, mas hoje sabemos por instinto que há algo errado. Os jovens não são os mesmos. Eles se inspiram menos em adultos e têm menos medo das consequências de seus atos. Também parecem menos inocentes e ingênuos, como se tivessem perdido o fascínio curioso que faz uma criança se empolgar com o mundo e querer explorar as maravilhas da natureza e da criatividade humana. Muitas crianças parecem inadequadamente sérias, até cínicas de certa forma, “amadurecendo” antes da hora. Parecem se entediar com facilidade quando estão longe dos amigos ou das telas. Brincadeiras criativas e solitárias parecem uma relíquia do passado.

– Na infância, eu era fascinada pela argila que cavava num buraco perto da nossa casa – recorda uma mãe de 44 anos. – Eu adorava a sensação de moldá-la e apertá-la. Agora não consigo convencer meu filho de 6 anos a brincar sozinho, a menos que seja no computador ou no videogame.

A forma de criação também parece ter mudado. Nossos pais eram mais confiantes, mais decididos, e causavam um impacto maior sobre nós, para o bem ou para o mal. Para muitos hoje, criar filhos não parece natural.

Pais e mães continuam amando seus filhos como em qualquer outra época, mas o amor nem sempre basta. Ainda temos muito o que ensinar, só que nossa capacidade de transmitir conhecimento diminuiu por algum motivo. Não nos sentimos capazes de incentivar nossos filhos a alcançar todo o seu potencial. Às vezes eles se comportam como se tivessem sido seduzidos pelo canto de uma sereia que só eles escutam. Tememos, em algum nível, não conseguir protegê-los de um mundo que se tornou menos seguro para eles. O abismo entre jovens e adultos muitas vezes parece intransponível.

Nós nos esforçamos para criar nossos filhos da maneira que julgamos ideal. Quando isso não dá certo, recorremos a broncas, bajulações, subornos, recompensas, castigos. Chegamos a nos surpreender com nossa própria rispidez. Agimos com frieza em momentos de crise, exatamente quando gostaríamos de oferecer amor incondicional. Sentimos mágoa e rejeição. Culpamos nossa incompetência como pais, nossos filhos por serem rebeldes, a televisão por distraí-los, a escola por não ser rígida o

bastante. Quando nossa impotência se torna insuportável, buscamos fórmulas simplistas, autoritárias, condizentes com nossa era imediatista.

A importância dos pais para o desenvolvimento e o amadurecimento de crianças e adolescentes chegou a ser questionada numa matéria da revista *Newsweek* em 1998. “Pais fazem diferença?” era a alarmante chamada de capa. “O método de criação importa menos do que se imagina”, argumentava um livro que recebeu atenção internacional naquele mesmo ano. “Fomos levados a crer que temos mais influência na personalidade dos nossos filhos do que de fato temos.”<sup>1</sup>

A questão da influência parental poderia mesmo ser supérflua se nossos jovens estivessem se saindo bem sozinhos. O fato de nossos filhos não nos ouvirem, não adotarem nossos valores, talvez não fizesse diferença se eles fossem autossuficientes e responsáveis, se tivessem autoestima e autocohecimento, se tivessem direção e propósito na vida. O que vemos, no entanto, é que isso falta a muitos adolescentes e jovens adultos. Nos lares, nas escolas, nas comunidades, jovens em desenvolvimento perderam as raízes. Muitos carecem de autocontrole e se tornam cada vez mais propensos à alienação, ao uso de drogas, à violência ou à simples falta de rumo. São menos dispostos a aprender e mais difíceis de lidar do que os adolescentes de poucas décadas atrás. Muitos perderam a capacidade de se adaptar, aprender com experiências negativas e amadurecer. Nunca houve tantas crianças e tantos adolescentes tomando medicamentos para depressão, ansiedade e uma série de outros transtornos. Essa crise se manifesta de forma preocupante nos crescentes casos de bullying e violência nas escolas. Tragédias como tiroteios e assassinatos, mesmo que raras, são apenas as erupções mais visíveis de um mal generalizado que se alastra agressivamente pela cultura jovem atual.

Pais comprometidos e responsáveis estão frustrados, enquanto os filhos parecem muito estressados, apesar de todo o amor que recebem. Pais e outros adultos não parecem mais ser os mentores naturais dos jovens, como sempre aconteceu na espécie humana e permanece acontecendo em todas as outras espécies em seus habitats naturais. Idosos da geração baby boomer olham para nós sem entender nada. “Nós não tínhamos manuais que nos ensinassem a ser pais naquela época; simplesmente fazíamos o que precisava ser feito”, dizem eles, com um misto de honestidade e confusão.

A situação é irônica, considerando que nunca se pesquisou tanto sobre

o desenvolvimento infantil e que temos acesso a mais cursos e livros sobre criação de filhos do que qualquer geração anterior.

## O QUE ESTÁ EM FALTA

Então o que mudou? Numa única palavra: o *contexto*. Por melhores que sejam nossas intenções, por mais habilidosos ou compreensivos que sejamos, nosso método de criação não vai funcionar com qualquer criança. Para ser eficaz, ele exige contexto. Uma criança precisa ser receptiva às nossas tentativas de nutri-la, confortá-la, guiá-la e educá-la. Crianças não se submetem automaticamente a nós só porque somos adultos, porque as amamos, porque sabemos o que é melhor para elas ou porque queremos seu bem. Madrastas e padrastos sabem muito bem disso, assim como outras pessoas que lidam com crianças, como babás e professores. Até com nossos próprios filhos podemos perder a autoridade se o contexto for prejudicado.

Se não basta ter habilidades parentais nem amar a criança, então o que é necessário? Existe um tipo especial e indispensável de relacionamento que forma uma base firme para a parentalidade. Desenvolvimentistas – psicólogos e outros cientistas que estudam o desenvolvimento humano – o chamam de *vínculo* ou *apego*. Para que uma criança seja receptiva às orientações de um adulto, ela deve se apegar a ele de forma espontânea, desejando contato e proximidade. Na primeira infância, esse impulso é muito físico – a criança literalmente se agarra ao pai ou à mãe e precisa ser amparada. Se tudo correr bem, esse apego físico se transforma em proximidade emocional e, por fim, em afinidade psicológica. Crianças sem esse tipo de conexão têm muita dificuldade com a disciplina e até com o aprendizado. Apenas o vínculo familiar oferece o contexto adequado para a criação de filhos.

O segredo não está naquilo que os pais *fazem*, mas em quem os pais *são* para a criança. Quando uma criança vem até nós em busca de contato e proximidade, nos tornamos provedores, guias, exemplos, mestres. Para uma criança apegada a nós, somos o porto seguro para onde ela pode voltar, somos sua base e fonte de inspiração. Não há habilidade parental no mundo que compense a falta de vínculo. Nem todo o amor do universo seria suficiente sem o cordão umbilical psicológico criado por esse laço afetivo.

O vínculo com os pais deve durar no mínimo enquanto a criança precisar

de cuidados. É isso que tem sido tão difícil no mundo de hoje. Os pais não mudaram – eles não se tornaram menos competentes ou dedicados. A natureza básica das crianças também não mudou – elas não se tornaram mais independentes ou resistentes. O que mudou é a cultura em que criamos nossos filhos. O vínculo familiar não recebe mais o apoio necessário da cultura e da sociedade. Até bons relacionamentos entre pais e filhos acabam se deteriorando com o tempo, conforme a criança explora um mundo que parou de valorizar esse laço. Os adolescentes vão se afastando dos pais e se aproximando dos amigos, deixando cada vez menos espaço para a dinâmica familiar. O que torna tão difícil disciplinar nossos filhos não é a falta de amor nem de competência, mas a falta de vínculo dentro de casa.

## O IMPACTO DA CULTURA DE PARES

O que mais sabota a autoridade e o amor parental é a conexão cada vez maior de nossos filhos com seus colegas da mesma idade. Este livro defende a tese de que o transtorno que afeta crianças e adolescentes hoje está enraizado no distanciamento de adultos que deveriam orientá-los e educá-los. Longe de querermos estabelecer outro transtorno médico-psicológico (a última coisa de que os pais de hoje precisam), aqui usamos o termo *transtorno* no sentido mais básico: uma ruptura na ordem natural da vida. Pela primeira vez na história, os adolescentes estão buscando exemplos e orientações não em mães, pais, professores e outros adultos responsáveis, mas em pessoas que a natureza nunca pretendeu colocar num papel parental: outros adolescentes. Se eles são problemáticos, rebeldes e imaturos, é porque deixaram de se inspirar nos adultos. Em vez disso, estão sendo guiados por seus semelhantes, que não têm capacidade de direcioná-los para a maturidade. Estão sendo educados uns pelos outros.

O nome que parece mais adequado para esse fenômeno é *orientação por pares*. Foi ela que emudeceu nossos instintos parentais, destruiu nossa autoridade natural e nos levou a seguir a cabeça, não o coração, na criação dos nossos filhos – ou seja, nos levou a seguir manuais, conselhos de “especialistas” e as expectativas confusas da sociedade.

Mas o que é orientação por pares?

A orientação, o impulso de saber onde estamos e conhecer nosso

entorno, é um instinto humano básico, além de uma necessidade. A desorientação é uma das piores experiências psicológicas que podemos vivenciar. O vínculo e a orientação estão intimamente ligados. Por natureza, seres humanos e outras criaturas recorrem àqueles a quem são próximos em busca de sinais orientadores.

Crianças, como os filhotes de quase qualquer espécie, têm um instinto inato de orientação: buscam um senso de direção em outra pessoa. Assim como ímãs se viram automaticamente para o Polo Norte, crianças também demonstram uma necessidade natural de se voltar para uma fonte de autoridade, contato e carinho. Sem isso, sentem-se desorientadas e sofrem com aquilo que chamo de *vazio de orientação*.<sup>\*</sup> Os pais ou outros adultos responsáveis são o polo de orientação natural da criança, assim como os animais adultos orientam seus filhotes.

Por acaso, o instinto de orientação dos humanos é muito semelhante ao que vemos em filhotes de pato. Após sair do ovo, o patinho imediatamente se espelha na mãe – ele a segue, imitando seus movimentos até crescer e se tornar independente e maduro. Esse é o plano inicial da natureza, é claro, mas, na ausência da mãe, o patinho começa a seguir o objeto em movimento mais próximo – um ser humano, um cachorro ou até mesmo um brinquedo mecânico. Nem é preciso dizer que o humano, o cachorro e o brinquedo não são tão adequados quanto a mãe para criar o patinho até a vida adulta. Da mesma forma, na ausência de uma figura materna ou paterna, a criança humana se orientará de acordo com quem estiver por perto. Tendências sociais, econômicas e culturais nas últimas cinco ou seis décadas tiraram os pais do posto de principal influência orientadora. Quem ocupou essa vaga foram outras crianças e adolescentes, e o resultado foi catastrófico.

Como veremos, crianças não podem ser orientadas por adultos e outras crianças ao mesmo tempo, pois não é possível seguir simultaneamente instruções conflitantes. Sempre que surgir um conflito entre as duas opções, o cérebro infantil terá que escolher entre os valores dos pais e os valores dos amigos, entre a cultura parental e a dos pares.

Queremos dizer com isso que as crianças não devem ter amigos da mesma idade? Pelo contrário, esses laços são naturais e têm propósitos saudáveis.

---

<sup>\*</sup> Neste livro, a primeira pessoa do singular sempre se refere a Gordon Neufeld, a menos que se indique o contrário.

Em culturas orientadas por adultos, em que os princípios e valores norteadores são aqueles de gerações mais maduras, os jovens se aproximam uns dos outros sem rejeitar o direcionamento dos pais. Acontece que nossa sociedade não é mais assim. Hoje, a principal fonte de orientação dos jovens não vem mais dos pais, e sim dos amigos. Fazer amizades é normal; o que não é normal é as crianças se tornarem a influência dominante no desenvolvimento umas das outras.

### **NORMAL, SIM; NATURAL E SAUDÁVEL, NÃO**

A orientação por pares é tão onipresente hoje em dia que se tornou regra. Muitos psicólogos e educadores, assim como o público leigo, passaram a encará-la como algo natural, não como um fenômeno específico a ser identificado. Mas aquilo que é “normal”, no sentido de seguir uma norma, não é necessariamente natural ou saudável. Não há nada saudável ou natural na orientação por pares. Faz pouco tempo que essa revolução contra a ordem natural triunfou na maioria dos países industrializados, por motivos que veremos no Capítulo 3. A orientação por pares continua sendo rara em populações originárias e até em muitos lugares do mundo ocidental fora dos centros urbanos “globalizados”. Ao longo da evolução humana até a Segunda Guerra Mundial, a orientação por adultos era o padrão no desenvolvimento humano. Foi apenas recentemente que nós, os adultos que deveriam estar no comando (pais e professores), perdemos a influência sem sequer nos darmos conta disso.

A orientação por pares parece natural ou passa despercebida porque silenciemos nossas intuições e, sem querer, acabamos nos tornando orientados por pares também. Para nós, que nascemos no pós-guerra na Inglaterra, na América do Norte e em muitas outras partes do mundo industrializado, é difícil enxergar a seriedade do problema porque também nos espelhamos em nossos semelhantes.

A cultura, até pouco tempo atrás, sempre era transmitida de forma vertical, de geração a geração. Por milênios, segundo Joseph Campbell, “os jovens foram educados, e os mais velhos, considerados sábios”, pois tinham estudo, experiência e compreensão das culturas tradicionais. Os adultos desempenhavam um importante papel na transmissão da cultura, pegando

o que tinham recebido dos seus pais e transmitindo a seus filhos. No entanto, a cultura que *nossos* filhos recebem tem uma chance muito maior de ser a cultura de seus colegas do que de seus pais. As crianças estão desenvolvendo a própria cultura, que é muito diferente da nossa e, em vários sentidos, muito estranha. Em vez de ser transmitida verticalmente, ela se transmite horizontalmente entre os membros da geração mais jovem.

Toda cultura tem suas tradições, suas músicas, suas vestimentas, suas comemorações, suas histórias. A música que os jovens escutam tem pouquíssima semelhança com a música de seus avós. A aparência deles é ditada pela aparência de outros jovens, não pela herança cultural de seus pais. Suas festas de aniversário e seus ritos de passagem são influenciados pelas práticas dos outros jovens ao redor, não pelas tradições da família. Se tudo isso parece normal para nós, é porque também sucumbimos à orientação por pares. A existência de uma cultura jovem, separada e distinta daquela dos adultos é um fenômeno que tem cerca de cinquenta anos. Apesar de meio século ser um período relativamente curto na história da humanidade, trata-se de uma era inteira para um indivíduo. A maioria dos leitores deste livro já terá crescido numa sociedade em que a transmissão da cultura é horizontal, não vertical. A cada nova geração esse processo, talvez corrosivo para a sociedade civilizada, ganhará mais força e velocidade. Mesmo nos 22 anos de intervalo entre minha primogênita e meu quinto filho, parece que os pais perderam terreno.

De acordo com um grande estudo internacional liderado pelo psiquiatra infantil britânico Sir Michael Rutter e pelo criminologista David Smith, a primeira aparição de uma cultura jovem ocorreu logo após a Segunda Guerra Mundial, sendo um dos fenômenos sociais mais dramáticos do século XX.<sup>2</sup> O estudo, que incluiu acadêmicos proeminentes de dezesseis países, associou o aumento do comportamento antissocial ao fim da transmissão vertical da cultura predominante. Com o advento de uma cultura jovem, distinta e separada veio o aumento nos níveis de criminalidade, violência, bullying e delinquência juvenis.

Essas grandes tendências culturais se refletem no desenvolvimento de nossos filhos. Quem queremos ser vai depender da orientação que recebemos, das pessoas em quem nos espelhamos e com quem nos identificamos. A psicologia moderna enfatiza o papel dos pares na formação da identidade dos jovens.<sup>3</sup> Quando precisam descrever a si mesmos, os jovens não costumam se referir aos pais, mas aos valores e expectativas dos amigos e dos

grupos aos quais pertencem. Algo significativamente sistêmico mudou: os colegas substituíram os pais no desenvolvimento da personalidade de muitas crianças e adolescentes hoje em dia.

Poucas gerações atrás, todos os indicadores mostravam que os pais eram as pessoas mais importantes na vida de um filho. Carl Jung sugeriu que não é o que acontece no relacionamento entre pais e filhos que gera a maior cicatriz na personalidade da criança, e sim o que *falta* nesse relacionamento. Nas palavras do grande psicólogo infantil D. W. Winnicott, o problema é “nada acontecer quando algo positivo poderia ter acontecido”. Essa é uma ideia perturbadora. Mais perturbador ainda é pensar que, se os pares substituíram os adultos como as pessoas mais importantes na vida de crianças e adolescentes, aquilo que falta nos relacionamentos com os amigos é o que causará o impacto mais profundo. O que sem dúvida falta nas relações entre crianças e adolescentes é o amor e a aceitação incondicionais, o desejo de incentivar, a capacidade de se sacrificar pelo crescimento e o desenvolvimento do outro. Quando analisamos o que falta na relação entre pais e filhos e na relação entre amigos, os pais ficam parecendo verdadeiros anjos. Não é à toa que a situação está tão desastrosa para os jovens de hoje.

O predomínio da orientação por pares em nossa sociedade trouxe consigo um aumento chocante nos índices de suicídio entre crianças e adolescentes, que quadruplicou nas últimas cinco décadas na faixa etária de 10 a 14 anos na América do Norte. Os índices de suicídio nesse grupo são os que dispararam mais rápido, tendo aumentado em 120% apenas entre 1980 e 1992. Nos centros urbanos, onde os pares tendem a substituir os pais com mais frequência, esses índices tiveram aumentos ainda mais assombrosos.<sup>4</sup> O que há por trás disso é muito revelador. Como pesquisador do desenvolvimento humano, sempre presumi que a rejeição parental seria o fator mais relevante nesses casos de suicídio. Não é mais assim. Já trabalhei com jovens infratores, e parte do meu trabalho era investigar as dinâmicas psicológicas em crianças e adolescentes que cometiam ou tentavam suicídio. Para minha grande surpresa, o principal gatilho para a grande maioria era o tratamento que recebiam de colegas, não dos pais. Os casos que avaliei não foram isolados, como comprovam os relatos cada vez mais frequentes de suicídios na infância e na adolescência impulsionados pela rejeição de pares e por bullying. Quanto mais importância dão aos colegas, mais as crianças sofrem quando são desprezadas, rejeitadas e isoladas pelo grupo.

Não há sociedade ou cultura que esteja imune a isso. No Japão, por exemplo, valores tradicionais transmitidos pelos idosos sucumbiram à ocidentalização e ao advento de uma cultura jovem. O país era quase livre de casos de delinquência juvenil e problemas escolares até pouquíssimo tempo atrás, mas agora lida com os estragos causados pela orientação por pares, incluindo aumento de criminalidade e de suicídio na juventude e índices de evasão escolar cada vez maiores. Em 2003, a revista *Harper's* publicou uma seleção de cartas de suicídio deixadas por crianças e adolescentes japoneses, e a maioria citou o terrível bullying praticado por colegas como o motivo por trás da decisão de tirar a própria vida.<sup>5</sup>

Os efeitos negativos da orientação por pares são mais óbvios nos adolescentes, embora seus primeiros sinais já sejam visíveis entre os 7 e 9 anos de idade. Suas origens precedem os anos escolares e precisam ser compreendidas por todos os pais, principalmente por quem tem filhos pequenos e deseja cortar o mal pela raiz.

## UM ALERTA

O primeiro alerta veio décadas atrás. Os livros técnicos que eu usava nos meus cursos sobre psicologia desenvolvimental e relações entre pais e filhos faziam referência a um pesquisador americano do começo dos anos 1960 que havia alertado para o fato de que pais estavam sendo substituídos por colegas como os principais modelos de comportamento e valores. Num estudo com mais de 7 mil jovens, o Dr. James Coleman observou que os relacionamentos com amigos eram mais valorizados que os relacionamentos com pais. Ele temia que uma mudança fundamental estivesse em curso na sociedade americana.<sup>6</sup> Os demais acadêmicos, porém, permaneceram céticos, argumentando que esse era o cenário em Chicago, não na América do Norte inteira. Eles creditavam o fenômeno aos abalos sociais gerados pela Segunda Guerra Mundial, algo que logo passaria assim que as coisas voltassem à normalidade. Para os críticos, o aumento da influência dos pares sobre os jovens estava restrito a casos atípicos nas margens da sociedade. As preocupações de James Coleman foram consideradas mero alarmismo.

Eu também permaneci alheio ao que estava acontecendo até meus filhos subitamente me tirarem do estado de negação. Nunca imaginei que perderia

meus filhos para os amigos. Para meu espanto, notei que, ao chegar à adolescência, minhas duas filhas mais velhas começaram a orbitar ao redor das amigas, imitando sua linguagem e internalizando seus valores. Era cada vez mais difícil discipliná-las. Tudo que eu fazia para impor minhas vontades e expectativas só piorava a situação. Era como se a autoridade parental que eu e minha esposa considerávamos óbvia tivesse desaparecido da noite para o dia. Uma coisa é ver nossos filhos respeitando outras pessoas, mas ser substituído por elas é algo bem diferente. Eu achava que minhas filhas eram imunes: elas não demonstravam qualquer interesse por gangues ou delinquência, foram criadas num contexto de relativa estabilidade, com uma família que as amava mais do que tudo, sem terem a infância abalada por uma guerra mundial terrível. Os alertas de Coleman simplesmente pareciam não se aplicar à minha família. Mesmo assim, quando comecei a juntar as peças, percebi que aquilo que acontecia com minhas filhas não era fora do comum.

“Mas nós não devemos criá-los para o mundo?”, perguntam muitos pais. “Nossos filhos não precisam se tornar independentes?” Sem dúvida, mas apenas depois que concluirmos nosso trabalho e eles se tornarem quem de fato são. Ninguém se torna um adulto independente, com amor-próprio, se viver tentando se encaixar nas expectativas imaturas de um grupo de amigos. Ao enfraquecer o vínculo e o senso de responsabilidade, a orientação por pares prejudica o desenvolvimento saudável de nossos jovens.

Crianças e adolescentes podem saber o que querem, mas é perigoso supor que eles sabem do que precisam. Quando orientados por pares, é natural que os jovens queiram se parecer o máximo possível com os colegas e prefiram a companhia dos amigos à proximidade com a família. Uma criança ou adolescente não tem total discernimento. Pais que fazem todas as vontades da criança podem acabar saindo de cena antes da hora. Para promovermos o desenvolvimento dos nossos filhos, devemos trazê-los de volta para perto de nós e suprir suas necessidades afetivas.

Efeitos extremos da orientação por pares chamam a atenção da imprensa: casos violentos de bullying, tiroteios em escolas, suicídios na infância. Todos achamos esses eventos terríveis, mas a maioria acredita que não será diretamente afetada por eles. Essas tragédias não são o foco deste livro, mas são os estragos mais dramáticos da orientação por pares, fenômeno que não se restringe mais ao caos cultural de grandes centros urbanos como Chicago, Nova York, Toronto e Los Angeles. Ele chegou às comunidades

mais pacatas, com suas casas de classe média e boas escolas. O foco deste livro não é o que acontece lá fora, longe de nós, mas o que está ocorrendo em nosso quintal.

Nós, os autores, só abrimos os olhos quando percebemos a influência da orientação por pares em nossos próprios filhos. Esperamos que este livro abra os olhos de outros pais mundo afora e da sociedade.

## A BOA NOTÍCIA

Podemos não conseguir reverter as forças sociais, culturais e econômicas que motivam a orientação por pares, mas há muito que podemos fazer em nossos lares e salas de aula para evitar sermos substituídos antes da hora. Já que a cultura deixou de guiar nossos filhos na direção certa – rumo à verdadeira independência e maturidade –, pais e outros adultos responsáveis são, hoje, mais importantes do que nunca.

A única saída é restaurar o relacionamento natural entre pais e filhos, e entre cuidadores e crianças. Nossas atuais dificuldades com a parentalidade e o ensino giram em torno dos relacionamentos, então é por eles que deve passar a solução. Adultos que priorizam um bom relacionamento com seus filhos fazem isso de maneira intuitiva. Não precisam recorrer a técnicas ou manuais; apenas agem com compreensão e empatia. Se soubermos como agir com nossos filhos, se soubermos quem devemos ser para eles, precisaremos de menos conselhos. Quando o bom relacionamento é restaurado, a própria experiência nos mostra o melhor caminho.

A natureza está do nosso lado. Nossos filhos querem nos pertencer, mesmo que demonstrem o contrário com palavras ou atitudes. Podemos recuperar nosso devido papel de cuidadores e mentores. Na quarta parte deste livro, apresentamos um plano detalhado para que você se mantenha próximo de seus filhos até que eles amadureçam e para que restabeleça o relacionamento se ele for enfraquecido. Sempre há algo que podemos fazer. Não podemos garantir que todas as abordagens funcionarão em todas as circunstâncias, mas sabemos por experiência própria que, quando há comprometimento, as chances de sucesso são muito, muito maiores. A cura, como sempre, depende do diagnóstico. Primeiro, devemos entender o que está faltando e por que as coisas deram errado.

## CONHEÇA OS LIVROS DE GABOR MATÉ

O mito do normal

Vício: O reino dos fantasmas famintos

Mentes dispersas

Aproxime-se dos seus filhos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[sextante.com.br](http://sextante.com.br)

